

Literatura de ficção e poesia, educação e sociedade¹

Ricardo Azevedo²

Não creio que seja possível imaginar uma educação de verdade sem uma consistente formação de leitores. Refiro-me a pessoas capazes de utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética (caso da literatura e da poesia), seja para receber informações (estudos, manuais técnicos e didáticos), seja por motivos filosóficos ou religiosos, seja por puro e simples entretenimento.

Leitores são pessoas que sabem identificar os diferentes tipos de livros e utilizá-los com competência.

Além disso, como informações utilitárias jamais darão conta da complexidade de nossa existência concreta (refiro-me à vida cotidiana, seus eventos, acasos e contradições), a educação não pode se restringir às demandas predominantemente utilitárias e funcionalistas dos currículos oficiais.

Creio que qualquer modelo educacional digno desse nome deveria ter como pano de fundo algo que poderíamos chamar, mesmo que de forma imprecisa, de humanismo.

Não penso em teorias complicadas mas, sim, numa educação que jamais deixe de ter em mente que aluno, professor, pais, parentes, amigos, vizinhos e todo o mundo são, antes de mais nada, seres humanos e que isso tem implicações. Entre outras, todo o ser humano 1) é eminentemente social (e incapaz de viver sem uma sociedade. No ambiente exageradamente individualista em que vivemos, tal condição costuma ser desvalorizada ou esquecida); 2) é expressivo, emotivo e efêmero (ou seja, tem ideias próprias, é emotivo, envelhece e morre); 3) é capaz de construir linguagens e símbolos (e não apenas utilizá-los e repeti-los); 4) é capaz de pensar em coisas como justiça, moral e estética; 5) é capaz de transformar a

¹ Artigo escrito a partir da palestra “Literatura, escola e sistema cultural dominante” dada em diversos lugares e eventos durante do ano de 2010 e do artigo “A literatura como agente do conhecimento” publicado na revista Carta Fundamental, Outubro de 2010 N° 24 ISSN 1983-5965.

² Ricardo Azevedo é escritor e doutor em Letras (USP).

natureza e a sociedade (para melhor e para pior) e 6) é capaz de sonhar em construir um futuro mais civilizado (em que os interesses da sociedade estejam o mais próximo possível dos interesses de cada indivíduo).

Em outras palavras, por humanismo refiro-me simplesmente a um modelo cultural fundado nas características e necessidades inerentes à condição humana.

De que adianta formar pessoas cheias de conhecimento técnico mas individualistas a ponto de serem incapazes de perceber que são responsáveis não apenas pela construção de suas vidas particulares mas também pela da sociedade em que vivem; pessoas alienadas de suas emoções, de sua criatividade, de sua capacidade expressiva e de sua condição de ser mortal (só quando lembramos dela, podemos assumir para valer a responsabilidade pela construção de nossa própria vida e, ainda, da nossa identificação com o Outro, tão diferente de nós e tão emotivo, criativo, expressivo e efêmero como nós); incapazes de enxergar que linguagens e símbolos estão aí para ser manipulados e reinventados e não apenas repetidos burocrática e mecanicamente; incapazes de perceber que para viver em sociedade é necessária, como diz Richard Rorty (2005), a construção de uma espécie de lealdade entre todas as pessoas e, portanto, incapazes de compreender que ser civilizado implica sair do próprio umbigo e pensar no próximo e nos que ainda virão. Em outros termos, como propôs Edmund Burke (1729-1797) “a sociedade é um contrato entre os mortos, os vivos e os que ainda não nasceram”.

Tento dizer que é fundamental e óbvio que os modelos educacionais busquem programas humanistas. Se fossemos cachorros seria mais razoável tentar programas cachorristas.

Se Neil Postman estava certo quando disse que crianças “são mensagens vivas que enviamos a um tempo que não veremos”, é preciso bem mais do que “técnica” e “informação” para que essa mensagem seja enviada de forma civilizada.

Na verdade, acredito que a palavra “educação” deveria ter como pressuposto a palavra “civilização” e a civilização, se for humana, implica o humanismo.

Que sentido teria outro tipo de educação?

Naturalmente alguém poderia perguntar: “tudo bem, mas o que é civilização?”

Para o sociólogo Norbert Elias, como sabemos, existiria um processo civilizatório humano em curso, construído lentamente pelo homem ao longo do tempo. Esse processo, entretanto, diz ele, pressupõe um constante embate entre “forças civilizatórias” e “forças descivilizatórias”.

Por exemplo: a ciência criou recursos que têm propiciado melhor qualidade de vida entre as pessoas: são forças civilizatórias. A mesma ciência criou técnicas de produção que poluem e destroem a saúde e o meio ambiente: são forças descivilizatórias.

Em resumo, a construção da civilização implica um processo vital e contraditório, em crise permanente.

Na opinião de Elias, ninguém pode ter certeza de que no final as forças civilizatórias vencerão.

É preciso acrescentar que para ele, o tal “processo civilizatório”, entre muitas outras características, implica 1) as transformações do comportamento social dos seres humanos na busca de um modelo de auto-controle razoável, bem proporcionado, universal e estável e 2) o desenvolvimento da capacidade dos seres humanos de se identificar com outros seres humanos, independentemente de grupos, etnias e culturas.

Naturalmente tudo isso envolve educação.

Conclui-se que “descivilização” para Elias significaria 1) as transformações do comportamento humano na direção do egocentrismo (e de seu irmão narcisismo) e da valorização dos interesses individuais em detrimento de todo o resto e 2) a incapacidade dos seres humanos de se identificar com outros seres humanos vistos sempre como “diferentes” (em geral sinônimo de “inferiores” ou

“atrasados”) por terem outra cultura, outras crenças e outros modelos de pensamento.

A descivilização, é bom lembrar, também envolve educação, neste caso melhor dizer deseducação.

Estamos educando e civilizando ou deseducando e descivilizando pessoas?

São ações civilizatórias, creio, a disseminação da alfabetização; o repulsa a qualquer forma de escravidão; a tolerância da prática religiosa; a tolerância com diferenças, preferências e opções pessoais que não firam o direito dos outros; a rejeição a qualquer tipo de guerra; a igualdade de oportunidades; a convivência equilibrada e respeitosa do homem com o meio ambiente e coisas assim.

Neste sentido, o leitor há de concordar, ainda estamos longe de um mundo civilizado. É preciso construí-lo e para isso só contamos com um único instrumento: a educação!

Ocorre que a educação tende a expressar o sistema cultural oficial e este, o que domina nosso tempo, é essencialmente técnico. Ou seja, privilegia informações técnicas e objetivas em detrimento das questões humanas, subjetivas e inerentes à sociabilidade .

Trata-se também de um sistema fundado na economia. Roberto Da Matta descreve a chamada “cultura moderna”, o sistema cultural dominante na sociedade ocidental, como um modelo social impregnado por uma “ideologia econômica, fundada na noção do indivíduo e na ideia de mercado, local onde tudo pode ser trocado, comprado e vendido”. Tal cultura além disso é impregnada pelas ideias de “progresso” e de “consumo” assim como condicionada aos procedimentos técnicos e científicos e ainda pela chamada “razão crítica” (Da Matta, 1979, p.17).

O sistema em pauta, segundo outro antropólogo, Louis Dumont, implica um mundo individualista, ideologia que valoriza a liberdade e a autonomia do indivíduo e negligencia ou subordina a totalidade social. Neste caso, note-se, a relação dos homens com as coisas é mais valorizada do que a relação entre os

homens. Sendo assim, neste ambiente, os homens tendem a sentir-se separados do tecido social (Dumont, 2000).

Parece razoável aceitar que, de fato, nos tempos de hoje, as pessoas têm sido levadas a valorizar mais as coisas – dinheiro, automóveis, marcas, símbolos de *status* etc. – do que as pessoas.

Noto que muitas vezes a noção de “modernidade” é considerada sinônimo de “civilização”, um equívoco obviamente. A modernidade é uma construção cultural em andamento que pode nos levar tanto para um futuro mais civilizado como para a mais pura descivilização.

As questões humanas, sociais, culturais, morais, subjetivas, emocionais, em todo o caso e voltando ao nosso assunto, não costumam ter muito espaço nem são o foco predominante dos programas escolares. Neles, o que predomina é a informação utilitária, impessoal e técnica.

Neste contexto, costuma-se dividir pessoas em faixas de idade: crianças, jovens, adultos, velhos, hoje em dia chamados de “a melhor idade”(!).

É tanta mania de divisão em faixas de idade que daqui a pouco teremos poesia para mulheres separadas de trinta e oito anos.

As casadas da mesma idade, naturalmente, terão outro tipo de poesia.

O que nem sempre é lembrado: num sistema onde “tudo pode ser trocado, vendido e comprado”, faixas etárias são, antes de mais nada, simples fatias de mercado.

Faixas de idade podem formar mercados ou ajudar as escolas a dividir os alunos em grupos para as aulas. Não mais que isso.

Acreditar que pessoas, digamos, de 10 anos de idade formem um grupo homogêneo de pessoas é, no mínimo, ingenuidade. Além de ser desumano.

Ficam de fora diferenças pessoais, experiências de vida, singularidades, as diversas culturas, crenças, desejos, visões de mundo, questões morais, diferentes

maneiras que de como achamos que devemos nos comportar na vida e no mundo etc.

Com isso não estou sugerindo que adultos sejam iguais a crianças. Crianças são seres humanos em formação. Temos a obrigação e a responsabilidade de apresentar a eles a coisas da vida e do mundo.

Temos a obrigação e a responsabilidade de apresentar a eles nossa cultura.

Temos a obrigação e a responsabilidade de apresentar a eles certas características do ser humano.

Sei que crianças e jovens são inexperientes, são aprendizes. Não podemos nos esquecer porém que nós adultos também somos. E o tempo todo. Ou não?

Fazer com que crianças e jovens imaginem, erroneamente, que existem universos à parte exclusivos, o “mundo das crianças”, o “mundo do jovens”, o “mundo de sei lá mais quem” no lugar de ajudar a forma-los e educa-los num ambiente de sociabilidade pode levá-los a ter uma visão equivocada do ser humano, da vida e do mundo.

Pergunto: não seria bom que um jovem olhasse para seu pai ou seu avô e visse alguém parecido com ele? Alguém que também precisa aprender, que tem incoerências e medos, que tem paixões e emoções, alguém que tem dúvidas, prazeres e dores, enfim, alguém que seja um ser humano? Num certo sentido, todos nós estamos em permanente formação.

Creio que enquanto os livros técnicos e didáticos reforçam a diferença entre as faixas de idade, afinal, são divididos em graus de conhecimento, os livros de ficção e poesia, muitas vezes, fazem o oposto: tratam de temas capazes de gerar identificação em todos os seres humanos.

Infelizmente, escutei de professores, e não foram poucas vezes, que certos pais de alunos reclamam quando são adotados livros de ficção e poesia nas escola. “Pra que gastar dinheiro à tôa?” perguntam eles aflitos.

A explicação para isso é relativamente simples. O que esperar de um ambiente cultural que privilegia a técnica e as relações impessoais, comerciais e econômicas a ponto de fazer com que seus jovens sejam levados a escolher suas profissões considerando apenas salários e a carreira da moda em detrimento de vocações; a ponto de condicioná-los a encarar com naturalidade formas alienantes e sub-reptícias de exclusão como o “culto da celebridade” (que valoriza a pessoa “descolada” e sua “imagem”, desprezando a pessoa “comum”); ou de fazê-los conviver com hábitos culturais que misturam o público e o privado (*big brother*, revistas de “celebridades” e certos *blogs*) sem perceber que tais práticas podem transformar vidas e relações humanas em ações de marketing e propaganda e seres humanos em produtos de consumo?

Neste modelo, em matéria de livros, tudo o que damos às crianças naturalmente só ganha sentido se tiver um cunho técnico, didático e informativo: o livro tem que ser “útil”; se não for útil e não tiver uma “função” não presta.

Ocorre que é preciso separar “coisas” e “valores”. Utilidade tem a ver com coisas. Coisas tem função. Coisas têm utilidade.

A vida humana não é uma coisa, a vida humana é um valor.

Se lembrarmos do processo civilizatório proposto por Elias, veremos que ela já foi bastante desvalorizada. Em certas épocas, matar homens equivalia a matar moscas. A transformação da vida humana num “valor” é algo que pode ser associado ao processo civilizatório, construído de forma lenta durante séculos.

Considerando tal processo, não faz sentido perguntar qual a “função” ou qual a “utilidade” da vida humana. Por exemplo: um homem desempregado está sem “função” mas isso não significa que não tenha valor como pessoa na vida e no mundo.

Num sistema “onde tudo pode ser trocado, comprado e vendido” um homem desempregado pode se sentir um “nada”. Talvez uma pessoa pobre, sem poder aquisitivo para consumir certos produtos que dão *status*, sinta-se da mesma forma.

Esse processo de evidente desumanização comum nos dias de hoje é a chamada “coisificação”. Cabe a pergunta: : será que estamos virando coisas?

Se a resposta for positiva, tratar-se-ia da vitória das forças descivilizatórias propostas por Norbert Elias.

Uma educação digna desse nome precisaria enfrentá-las.

Uma educação digna desse nome precisaria buscar a descoisificação do homem.

Vamos falar um pouco de livros didáticos.

Sua importância e sua função no processo educacional é indiscutível.

Com os livros didáticos entramos em contato com informações fundamentais para construir a vida. Refiro-me a conhecimentos sobre a nossa Língua, sobre Matemática, Biologia, História, Geografia, Ciência, Física, Química etc.

Tudo isso é muito importante.

Volto a ressaltar, como já fiz em artigos anteriores, outras características relevantes dos livros didáticos:

1) seu utilitarismo: pretendem ensinar um assunto determinado, em geral anunciado na capa como, por exemplo, “Gramática” e necessariamente transmitir informações (trabalham a partir de informações convencionais ou oficiais e pretendem divulgá-las);

2) seu discurso impessoal, lógico, coerente e unívoco (seus textos não podem conter ambigüidades, incoerências e contradições, afinal, pretendem que 100% dos leitores tenham uma mesma e única interpretação);

3) seu discurso analítico. Separa todo e qualquer assunto – a História, a Língua, o Corpo Humano etc. – em partes. Vejamos esse texto que encontrei na internet:

O corpo humano é uma mistura de elementos químicos feita na medida certa. As partes do corpo humano funcionam de maneira integrada e em harmonia com as outras.

Os principais órgãos do corpo humano são: Baço, Bexiga Urinária, Célula, Cérebro, Coração, Dentes, Esôfago, Esqueleto, Estômago, Faringe, Fígado, Glândulas Salivares, Intestino Delgado, Intestino Grosso, Laringe, Pâncreas, Pulmão, Rins, Sangue, Traquéia, Vesícula Biliar...

Reconheço que o exemplo é de baixíssimo nível mas o texto é um dos primeiros que aparecem no *Google* quando digitamos “corpo humano”, portanto, muitos estudantes incautos já tiveram acesso a ele. No limite, é evidentemente um texto técnico, utilitário e impessoal. Note-se o corpo humano, analiticamente dividido em partes reunidas em ordem alfabética (!). Algo parecido com peças de uma engrenagem elencadas num manual de instruções.

Todas as matérias escolares, sem exceção, quero lembrar, têm seus assuntos divididos em partes.

4) textos didáticos necessitam de atualização periódica (informações e métodos tendem a tornar-se obsoletos com o passar do tempo).

Proponho, como já fiz outras vezes em outros textos, uma breve comparação com os livros de literatura. Vejamos algumas de suas características:

1) são *sempre* textos de ficção e poesia (ou seja, não abordam fatos concretos mas sim realidades inventadas);

É preciso esclarecer esse ponto.

Num ambiente utilitário, a ficção costuma ser desprezada. Estamos condicionados a valorizar a “informação” e a “técnica”. Neste sentido, ela é considerada inútil.

O que costuma ser esquecido é que a ficção, como disseram Mikhail Bakhtin e outros, é uma forma de experimentar a verdade. Uma história inventada pode mesmo assim falar de um assunto absolutamente importante e verdadeiro.

Para exemplificar, vejamos essa narrativa popular a respeito de Carlos Magno, sintetizada por Ítalo Calvino:

“O imperador Carlos Magno, já em avançada idade, apaixonou-se por uma donzela alemã. Os barões da corte andavam muito preocupados vendo seu soberano entregue a uma paixão amorosa que o fazia esquecer sua dignidade real e negligenciar os deveres do Império. Quando a jovem morreu subitamente, os dignitários respiraram aliviados, mas por pouco tempo, pois o amor de Carlos Magno não morreu com ela. O imperador mandou embalsamar o cadáver e transportá-lo para a sua câmara, recusando separar-se dele. O arcebispo Turpino, apavorado com essa paixão macabra, suspeitou que havia ali um sortilégio e quis examinar o cadáver. Oculto sob a língua da morta encontrou um anel com uma pedra preciosa. A partir do momento em que o anel passou às mãos de Turpino, Carlos Magno

apressou-se em mandar sepultar o cadáver e transferiu seu amor para a pessoa do arcebispo. Turpino, para fugir àquela embaraçosa situação, atirou o anel no lago Constança. Carlos Magno apaixonou-se então pelo lago e nunca mais quis se afastar de suas margens.” (CALVINO,1991)³

Em que pese ser uma narrativa de ficção, ela trata com agudeza incomum de vários aspectos da condição humana concreta, dá o que pensar e pode ser discutida em vários e vários planos.

Outro ponto importante: ela não tem uma “lição” ou “informação” a dar. Não pretende ensinar coisa alguma mas sim contar uma história humana capaz de suscitar diferentes interpretações.

Por meio da ficção, enfim, podemos compartilhar sentimentos, contradições e perplexidades humanas e mais: abordar assuntos humanos concretos, da maior importância que raríssimamente, para não dizer nunca, aparecem em livros técnicos e didáticos.

2) livros de literatura não são utilitários. Não têm uma função clara nem qualquer pretensão de ensinar ou transmitir informações objetivas mas, sim, compartilhar emoções, eventos humanos, conflitos e espantos.

Mais um motivo de desprezo. Estamos condicionados a valorizar quase que exclusivamente as coisas úteis e funcionais.

Nessa paisagem cultural, surgem perguntas assim: qual a mensagem do livro? qual a função da literatura? Traduzindo: “o que ensina seu livro? Para que serve a literatura?

Quem disse que tudo tem uma função ou utilidade? Pergunto: qual a utilidade da saudade? Qual a função da amizade? Para que serve o sublime? Qual a função ou a utilidade da existência?

Talvez as coisas mais relevantes de nossas vidas não tenham nem utilidade nem função nenhuma!

³ Vale a pena ler também o cordel “A grande paixão de Carlos Magno pela princesa do anel encantado” de Severino José, publicado pela editora Hedra.

3) textos de ficção e poesia costumam tratar de temas não passíveis de lições, métodos ou teorias: a busca do auto-conhecimento; as paixões humanas; sentimentos como amor, ódio, depressão, solidariedade, ciúmes etc.; as relações familiares; a confusão entre fantasia e realidade; nossas ambigüidades e contradições e nossos conflitos morais entre muitos outros assuntos, banais e fundamentais ao mesmo tempo, de extrema importância para todos nós

A escola jamais poderia se esquecer de que tais assuntos existem.

Assuntos que ninguém pode ensinar, apenas compartilhar.

Assuntos que nada têm a ver com faixas de idade, nem com informação.

E note-se, assuntos não passíveis de ser divididos em partes.

Pergunto: será verdade que tudo pode ser dividido em partes?

Por exemplo: de que adianta saber que numa guerra, pergunta o filósofo John Searle, estão envolvidos moléculas e átomos?

De que adianta para um homem apaixonado saber que a mulher desejada tem esqueleto, fígado, rins e pâncreas?

Faz algum sentido dividir a amizade, a paixão, o ciúme, a saudade, o medo, a esperança, em partes?

Mostrei um texto que divide o corpo humano em partes. Vejamos, agora, “Assombros” poema de Affonso Romano de Sant'Anna (1992):

*Às vezes, pequenos grandes terremotos
ocorrem do lado esquerdo do meu peito.*

Fora, não se dão conta os desatentos.

*Entre a aorta e a omoplata rolam
alquebrados sentimentos.*

*Entre as vértebras e as costelas
há vários esmagamentos.*

*Os mais íntimos
já me viram remexendo escombros.
Em mim há algo imóvel e soterrado
em permanente assombro*

Textos utilitários, técnicos e objetivos podem trazer informações que precisam ser conhecidas. Creio porém que a importância de entrar em contato com textos subjetivos é fundamental e insubstituível. Ela é humanizadora.

Abro parênteses para lembrar que é possível fazer uma analogia entre textos técnicos, que pretendem informar, como “a água ferve a 100 graus” e textos como “quem sabe o que quer fuma minister” ou “manah adubando dá”.. Ambos, note-se são, em graus diferentes, pretensamente “objetivos”, “informativos” e “utilitários”.

Mostrei um texto de caráter subjetivo que pode ser considerado “adulto” embora desconheça estudos a respeito da leitura de textos assim por crianças e jovens. Quando forem feitos talvez surpreendam muita gente.

Falando em subjetividade, vejamos um trecho de *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo* de Christiane Gribel (1999):

O primeiro dia de aula é o dia que eu mais gosto em segundo lugar. O que eu mais gosto em primeiro lugar é o último, porque no dia seguinte chegam as férias.

Os dois são melhores dias na escola porque a gente nem tem aula. No primeiro dia não dá para ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas nossa cabeça ainda está nas férias. E no último, também não dá para ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas nossa cabeça já está nas férias.(...)

Peço licença para citar o poema “Você”, do meu livro *Ninguém sabe o que é um poema* (2005), pois ele trata diretamente da subjetividade:

*Você que vive ao meu lado
E anda sempre por perto
Você que me telefona
Para dizer onde está
Você que sempre pergunta
Quando venho e onde vou
Você que se preocupa
Almoça e janta comigo
Você que conta segredos
Revela sonhos e medos
Você que brinca comigo
E senta junto e conversa
Você que dá seu dinheiro
Inventa planos futuros
Você que só quer meu bem*

*E quando chega me beija
Você que nunca me esquece
Você que não me conhece*

4) por serem discursos subjetivos, os textos de ficção e poesia podem perfeitamente ser ambíguos, obscuros, analógicos, incoerentes e contraditórios (podem ser plurissignificativos e admitir diferentes interpretações);

A interpretabilidade, ou seja, a capacidade de um texto gerar múltiplas (não infinitas, note-se) interpretações é uma das maiores riquezas da literatura de ficção e poesia. Vejamos um trecho do poema “No caminho com Maiakovski “de Eduardo Alves da Costa (1988):

*(...) Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem;
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia, o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada (...)*

Eles quem? Militares do tempo da ditadura? Comunistas, na opinião dos militares do tempo da ditadura? Traficantes de drogas? Políticos corruptos? A sociedade consumista? Aids? Câncer? Sentimentos como a depressão e o niilismo? Vícios em drogas ou álcool? Aqueles que simplesmente defendem idéias diferentes das nossas?

Vale lembrar o mini conto “A evidência” de Oswaldo Franca Júnior (1985):

*Ela me disse:
– Não, meu amigo, eu não vivi. Nunca andei pelas estradas, nunca um homem me conheceu, e até hoje a água do mar não molhou meu corpo.
Ela me disse isto. Ela que sempre foi sincera, que nenhuma vez faltou com a verdade.
E é por esse motivo que estou pensando: como, se seus cabelos estão molhados pelas ondas, seus pés têm vestígios de todas as estradas e no seio ela amamenta uma criança?*

Afinal, do que trata esse texto?

E por que não citar:

*Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto não nada
Ninguém podia entrar nela não
Porque na casa não tinha chão etc. (MORAES, Vinícius de, 1981)*

Que casa é essa? A poesia? O corpo? A vida? Outra coisa?

Que riqueza poder estar diante de textos que permitem tanto diálogo e tanta discussão!

5) além de se dar ao luxo de usar linguagem figurada, metáforas e ironias, os textos de ficção e poesia podem inventar palavras, recorrer a ritmos, aliterações, trocadilhos e rimas, mexer com a sintaxe de forma pouco usual, em suma, podem brincar com as palavras.

Vou dar dois exemplos. O primeiro é o poema “A onda” de Manuel Bandeira (1966):

*a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda*

Na literatura infantil, recursos com a palavra utilizados, por exemplo, por Cecília Meireles.

O segundo é um trecho do conto “Tio Iodok manda lembranças” de Peter Bichel (2002.)

Trata-se da voz de um neto falando do avô caduco.

*(...) Não fazia sentido discutir com ele.
Para ele não havia mais nada além de Iodok.
E já dizia ao carteiro: -- Bom dia, senhor Iodok --, e então passou a me chamar de Iodok e em seguida todo o mundo.*

Iodok expressava sua ternura: -- Meu querido Iodok --, sua braveza: -- Maldito Iodok --, e seu xingamento: -- Filho da Iodok!

Ele não dizia mais: -- Estou com fome --, dizia: -- Estou com Iodok. -- Depois também não dizia mais “estou”, e sim: -- Iodok com Iodok.

Ele pegava o jornal, abria o caderno “Iodok e Iodok” -- ou seja: “Acidentes e Crimes” -- e começava a ler em voz alta:

-- Na Iodok de ontem ocorreu, na rua Iodok, perto do Iodok, um Iodok, que acarretou em duas Iodoks. Um Iodok dirigia um Iodok em direção ao Iodok. Pouco Iodok depois aconteceu no Iodok do Iodok o Iodok com um Iodok. O Iodok do Iodok, Iodok Iodok, e seu Iodok, Iodok Iodok, morreram no Iodok.(...)

6) textos de ficção e poesia prescindem de qualquer tipo de atualização salvo, eventualmente, a ortográfica. Tento dizer, por exemplo, que *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, obra escrita no início do século XVII, continua sendo uma extraordinária obra literária e, mais: diante dela, seria ridículo falar em “desatualização”.

Gostaria de ressaltar com clareza que: 1) textos técnicos e didáticos têm características diferentes de textos de ficção e poesia; 2) ambos tem sua razão de ser; 3) como a escola é um ambiente utilitário, nela muitas vezes os textos de ficção e poesia são reduzidos a lições de gramática ou a temas utilitários. Isso é um grave erro; 4) a literatura e a poesia nada têm a ver com informação e técnica mas sim abordam a condição humana, a vida humana concreta, falam de sentimentos, de ambigüidades, de incoerências e de sonhos, sempre de um ponto de vista pessoal e particular; 5) além disso, podem tratar da linguagem de forma inventiva e renovadora e ainda 6) jamais pretendem dar lições ou falar em termos gerais e teóricos.

Essa é sua extraordinária riqueza.

Ocorre que 90% dos livros que nossas crianças encontram na escola, ou mais, são técnicos, impessoais e utilitários.

Como resultado e com as exceções de praxe, nossa educação tem formado jovens essencialmente individualistas e competitivos, com conhecimento técnico de diferentes níveis (de operários a executivos) preparados para ser, principalmente, consumidores. Não mais que isso.

Vou concluir.

Recentemente, no rádio, um locutor falava em liberdades individuais, na construção da democracia, no direito de cada cidadão ser o agente de suas próprias decisões e na importância da diversidade de opiniões. Imaginei que fosse alguma ONG em defesa da democracia. Nada disso. O texto era patrocinado por um fabricante de cigarros! A liberdade a que se referia, no fundo, era uma só: a de optar por ser fumante contrariando todas as informações médicas disponíveis.

Pergunto: jovens preparados apenas para ser técnicos seriam capazes de lidar com mensagens como esta?

É preciso formar nossas crianças e jovens de maneira que sejam capazes de perceber que discursos válidos e civilizadores podem eventualmente ser utilizados como ações de marketing e propaganda (e também por políticos corruptos e regimes autoritários).

Fazer com que compreendam o funcionamento das sociedades fundadas em economias de mercado (em princípio, democráticas: mercados deveriam corresponder aos desejos, crenças e necessidades dos inúmeros grupos que compõem essas sociedades), para que saibam, por exemplo, separar consumo de consumismo e propaganda enganosa.

Ou estejam atentos para que jamais interesses empresariais se sobreponham aos interesses da coletividade.

Que discutam o que é autoridade (a confiança conquistada legitimamente), autoritarismo (a obediência obtida à força) e omissão (a desresponsabilização diante, por exemplo, de pessoas inexperientes ou dependentes e, num outro patamar, diante da sociedade).

Que tenham claro que a liberdade é muito boa mas tem limites: ninguém tem direito de desrespeitar o direito dos outros; ninguém tem direito de destruir a sociedade ou a natureza em função de interesses individuais.

Que compreendam que são responsáveis não apenas pela construção de suas vidas particulares mas também pela da sociedade em que vivem.

É importante que saibam respeitar, conviver e ser capazes de se identificar com hábitos, valores e crenças diferentes dos seus.

Que conheçam os extraordinários avanços civilizatórios da modernidade mas também suas inúmeras contradições. Que tenham acesso, com profundidade, à multifacetada cultura de nosso país. Que estejam conscientes das evidentes desigualdades de nossa sociedade (por serem imorais e injustificáveis, elas costumam deixar nossas crianças e jovens confusos e céticos).

E ainda que sejam levados a compreender que não são a platéia mas sim os protagonistas do futuro e que, na escola, estão se preparando para construí-lo e ressignificá-lo.

Não sou pedagogo e conheço pouco os diferentes métodos educacionais. Sejam quais forem, a meu ver, deveriam ter por base assuntos como esses. Eis porque a leitura (de tudo: não só literatura de ficção e poesia mas também estudos científicos e de ciências humanas, livros informativos, jornais, revistas etc.) sempre terá um papel fundamental na educação: desenvolvemos nosso pensamento crítico e nosso humanismo principalmente por meio dela. Sem pensamento crítico e sem uma perspectiva humanista, nossas crianças e jovens, tanto faz de que classe social, serão sempre presa fácil da propaganda enganosa, da alienação e do niilismo.

Bibliografia

- ALVES DA COSTA, Eduardo. *No caminho com Maiakóvski*, Círculo do Livro, 1988.
AZEVEDO, Ricardo. *Ninguém sabe o que é um poema*, Ática, 2005.
BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
BISCHEL, Peter. *O homem que não queria saber mais nada*. São Paulo, Ática, 2002.
CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
_____. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rocco, 2000.
DUMONT, Louis. *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rocco, 2000.
ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Jorge Zahar Editor, 1994.
_____. *Escritos & Ensaios 1 – Estado, processo, opinião pública*. Jorge Zahar Editor, 2006.
FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *As laranjas iguais*. Editora Nova Fronteira, 1985.

- GRIBEL, Cristiane. *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo*. Salamandra, 1999.
- JOSÉ, Severino. *Severino José*, Hedra, 2001.
- MORAES, Vinícius de. *A arca de Noé*, José Olympio, 1981.
- POSTMAN, Neil . *O desaparecimento da infância*, Graphia Editorial, 1999.
- RORTY, Richard. *Pragmatismo e política.*, Martins, 2005.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Lado Esquerdo do Meu Peito*, Ed. Rocco,1992.

